

DO BRASIL COLONIAL AOS DIAS ATUAIS: O CORPO DA MULHER NEGRA. A EDUCAÇÃO FORMAL ENQUANTO ROTA ESTRATÉGICA.

Ensino de ciências naturais e sociais em perspectiva étnico-racial

Natalia Dantas Rios ¹
natalia.dnts@hotmail.com
Kesya Janyelle Rodrigues Cruz²
Janyellerodrigues10@gmail.com
Moema Alves Macêdo³

Resumo

Esse trabalho objetiva problematizar o lugar da mulher negra no imaginário social brasileiro apontado a escola como rota estratégia na modificação social. Compreender as relações que transfiguram um momento histórico faz parte de um processo de captar todas as relações objetivas que se fazem presentes em um determinado contexto cultural. O papel que as mulheres desempenham desde a época do Brasil colonial até os dias atuais configuram base de sofrimento. No Brasil dos séculos XVI-XIX, as mulheres negras eram tratadas como objetos sexuais de seus senhores, além de garantir a sobrevivência da casa-grande, ficando à mercê dos caprichos das sinhás. Enquanto as mulheres brancas eram tratadas como “puras” e “dóceis”, as negras eram referenciadas com adjetivos pejorativos, associadas à libertinagem e à desordem. Para as mulheres negras foi negado o direito de amar, de ter seus próprios filhos, de construir uma família em uma conjuntura marcada pela objetificação e pelo imaginário da subserviência. Todo esse processo histórico é marcado por um sofrimento-ético-político dessas, sentenciado por hipersexualização num imaginário de fetichismo sexual. Ao mesmo tempo em que são desejadas, não são vistas como alguém com quem se possa manter um relacionamento. Esse comportamento é perpetrado por homens brancos, mas também por homens negros que sustentam a violência e o racismo. A escolha de não se casar ou de não ter filhos é uma possibilidade para as mulheres nos dias de hoje, mas para as mulheres negras isso nunca foi uma escolha, sempre foi uma imposição. Essa solidão das mulheres negras é fonte de muito sofrimento, pois retrata como elas são constantemente subalternizadas. Além da condição de mulher, as características raciais e fenotípicas das mulheres negras são a todo momento associadas a estereótipos negativos. O espaço escolar tem potencial de problematizar as relações ético-raciais e de gênero de modo interseccional criando rotas estratégicas de transformação social.

Palavras Chave: Sofrimento-Ético-Político; Hipersexualização; Mulher negra; Racismo; Corpo.

¹ Formada em psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

² Formada em psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

³ Orientadora – graduada em psicologia (UFPE), mestrado em saúde (UFAL), doutoranda em Psicologia (UFPE), docente no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Psicóloga efetiva (SESAU-JN), coordenação estadual ANPSINEP-CE (Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es)